

Ousadia e esperança

Esta edição propõe-se a uma tarefa ousada: apresentar panoramicamente uma das mais graves questões para a nacionalidade, qual seja, a crise da ética. E isso, segundo o recorte que nos compete, o bíblico-teológico-pastoral.

Para tanto, vamos desde as questões econômicas até as culturais, passando pela política, este que tem sido, nos últimos tempos, o cenário principal das ocorrências eticamente questionáveis.

Não deixamos de contemplar aspectos pouco discutidos no intuito de ir além dos discursos éticos superficiais da institucionalidade eclesial, evitados de tamanha ambigüidade que se mostram incapazes de contribuir no sentido de livrar as igrejas da subordinação à lógica sistêmica.

A despeito das especificidades pastorais, seria impossível deixar de coincidir com temas e discussões que têm mobilizado parcelas inquietas da sociedade brasileira, escandalizadas com a avalanche de fatos lamentáveis com os quais nos deparamos diariamente; e que indicam a existência de uma malha quase instituída de corrupção, por sinal, uma das grandes responsáveis pelas condições de miserabilidade de milhões de compatriotas.

O mais grave é que muitos estão sendo conduzidos a desacreditar das instituições democráticas à medida que o esquema de corrupção vai saindo das sombras. Em verdade, os cristãos brasileiros devem avaliar adequadamente esse processo, isto é, como sintoma do aparecimento de algo até então inexistente em nossa história política: uma cultura genuinamente democrática.

A par das reflexões sobre ética, apresentamos um suplemento dedicado ao que consideramos ser o grande salto qualitativo do pensar teológico latino-americano: a crítica teológica da economia política. Essa produção teológica aponta mais que nada para a nova face do capitalismo planetário, o chamado neoliberalismo.

Em última análise podemos afirmar vigorosamente que, apesar de todas as realidades adversas que as forças anti-Reino vão plasmando, o Espírito não tem-nos deixado à mercê dos acontecimentos. Ficaremos mais convencidos disso após a leitura de todos esses textos.

IGREJAS CRISTÃS CONTRA REDE GLOBO

O Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (Conic) representando a expressiva maioria dos cristãos no País, integrado pela Igreja Católica Apostólica Romana (CNBB), Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, Igreja Metodista, Igreja Presbiteriana Unida do Brasil, Igreja Cristã Reformada do Brasil e Igreja Ortodoxa Siriana do Brasil, vem de público, como o fez em agosto de 1987, manifestar a sua indignação e inconformidade com matérias inverídicas tendenciosas e de má fé veiculadas pelos meios de comunicação de massa contra os povos indígenas da Amazônia brasileira.

Em 24/1/94, o Jornal Nacional da Rede Globo de Televisão noticiou com destaque um suposto plano de interferência internacional promovido por um desconhecido e inexistente Conselho Mundial de Igrejas Cristãs. A reportagem aludiu ao fato de que esse mesmo Conselho estaria reunido nestes dias na África do Sul. Esta conexão induziu o telespectador a identificar este suposto organismo com o Conselho Mundial de Igrejas (CMI), com sede em Genebra. Esta relação é totalmente infundada e mentirosa. A matéria peca por desconhecimento e falsa informação. Já foi comprovado que aquele documento a que a matéria faz referência é uma grosseira falsificação como foi demonstrado, de sobejo, na CPI da Internacionalização da Amazônia, através do relatório do Senador Ronan Tito.

Já em 1987, o Conic afirmou que o CMI é um organismo que busca a unidade entre os cristãos e o serviço evangélico à humanidade na promoção da paz e da justiça. Todas as suas atividades em território brasileiro sempre foram pautadas pelas ações das próprias igrejas filiadas, na missão de serviço e testemunho ao povo brasileiro. O endereço da matéria parece muito claro. Há um articulação que pretende atingir os direitos indígenas garantidos na atual Constituição e duramente conquistados em 1988. Tal pressão se vale da inoportuna revisão constitucional em curso.

O Conic discorda veementemente dessa manobra que visa confundir informação com serviço a interesses escusos e inconfessados que a Rede Globo de Televisão presta a grupos econômicos interessados na riqueza das terras indígenas. O Conic defende o direito indígena à vida e às decisões autônomas quanto ao seu futuro.

Como afirmou em outra oportunidade, Deus quer o poder a serviço dos pequenos, a riqueza em favor dos famintos, os produtos do trabalho partilhados. Ele quer política, economia, idéias, organismos, relações, planos e projetos, tudo enfim, a serviço da vida.

Porto Alegre, 25 de janeiro de 1994

D. Sinésio Bohn
Presidente do Conic

Obs: Destaques dos editores



CONTEXTO PASTORAL

Publicação bimestral do
**Centro Evangélico
Brasileiro de Estudos
Pastorais - CEBEP**
(Rua Rosa de Gusmão, 543
- 13073-120, Campinas/SP.
Tel. e fax 0192-41-1459) e
do **Centro Ecumênico de
Documentação e
Informação - CEDI**
(Rua Santo Amaro, 129 -
22211-230, Rio de
Janeiro/RJ.
Tel. 021-224-6713 e
fax 021-221-3016)

Editores
Luiz Carlos Ramos
Magali do Nascimento Cunha

Editores assistentes
Carlos Cunha
Paulo Roberto Salles Garcia
(MTb 18.481)

Diagramação
Anita Slade

Fotolito e impressão
Tipológica Comunicação
Integrada

Conselho editorial
José Bittencourt Filho
Marcos Alves da Silva
Paulo Roberto Rodrigues
Rafael Soares de Oliveira

Tiragem
10 mil exemplares

Preço do exemplar avulso
CR\$ 140,00

Assinatura anual
CR\$ 1.400,00

Assinatura de apoio
CR\$ 1.650,00

Exterior
US\$ 15,00

Os artigos assinados não
refletem necessariamente
a opinião do jornal.

Fique por dentro do CONTEXTO PASTORAL

Um jornal-painel a serviço da pastoral e dos cristãos pela paz e justiça. Uma publicação conjunta do Centro Evangélico Brasileiro de Estudos Pastorais (CEBEP) e do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI).

Assinatura anual: CR\$ 1.400,00
Assinatura de apoio: CR\$ 1.650,00
Exterior: US\$ 15,00
Número avulso: CR\$ 140,00

Os pedidos de assinatura, acompanhados com cheque nominal para o Centro Evangélico Brasileiro de Estudos Pastorais (CEBEP), devem ser enviados para: Jornal Contexto Pastoral - Rua Rosa de Gusmão, 543, Jardim Guanabara, 13073-120, Campinas/SP

“É PRECISO FAZER JUSTIÇA AO EVANGELHO”

ENTREVISTA COM BÄRBEL VON WANTERBERG-POTTER
Por Magali do Nascimento Cunha

A Teologia Feminista e a luta pela ampla participação das mulheres nas Igrejas são temas da entrevista com a teóloga e pastora luterana alemã Bärbel von Wartenberg-Potter, que visitou o Brasil em outubro passado. Além de pastorear uma congregação em Stuttgart, Bärbel participa ativamente das atividades da Década Ecumênica de Solidariedade com as Mulheres, estabelecida em 1988 pelo Conselho Mundial de Igrejas (CMI).

Qual a contribuição da Teologia Feminista para as igrejas hoje?

A Teologia Feminista tem desenvolvido uma análise segundo a qual as igrejas, durante dois mil anos, têm sido dominadas por uma perspectiva masculina e por um sistema patriarcal que dão o tom em todos os espaços.

Hoje chegamos a um ponto em que precisamos aprofundar essas análises e estendê-las para a Teologia, especialmente na Europa que tem olhado para si mesma como um centro de elaboração teológica. O eurocentrismo é parte do sistema que diz não ter qualquer necessidade de que nós, mulheres, partilhemos e enriqueçamos o discurso teológico. As mulheres têm sido excluídas da elaboração teológica.

A Teologia Feminista levanta uma série de questões. Não somente sobre a forma como lemos a Bíblia mas também com relação ao estilo de controle de poder na Igreja, que não tem muita diferença da estrutura de poder da sociedade secular. Esse poder está encoberto por conceitos como “serviço”, que sempre escondem sua verdadeira face. Por isso questionamos se a igreja deveria ser como ela é agora, ordenada hierarquicamente. Deveria ela ter um conceito diferente de si mesma como uma comunidade de serviço? Deveríamos nós manter conceitos como “realiza”, “messianismo” e “poder maior” quando Jesus foi o Servo Sofredor e lavou os pés das pessoas?

Com a Teologia Feminista, temos demonstrado que, na história destes dois mil anos, o poder masculino e seus conceitos têm tido sucesso enquanto

outros têm sido reprimidos. No entanto, percebemos que ainda há espaço para o debate no contexto bíblico sobre o caminho que a Igreja deve seguir.

O que há de comum entre o pensamento teológico feminista no Primeiro e no Terceiro Mundos?

Basicamente há uma compreensão comum porque mulheres nas igrejas do Terceiro Mundo são tão marginalizadas e relegadas quanto as do Primeiro. A causa comum é ajudar umas às outras para enriquecer nosso pensamento teológico, com vistas a propor certos conceitos da Teologia Feminista em diferentes contextos. Temos refletido seriamente a respeito dos diferentes conceitos teológicos de acordo com os diferentes contextos — situação histórica, social e política na qual vivemos.



Paulo Roberto Salles Garcia

Temos sempre que lembrar que, como mulheres, nós somos vítimas da estrutura patriarcal e algumas vezes nós estamos perpetuando este sistema injusto, na medida em que participamos dele e levamos outros homens e mulheres a serem vítimas. Há muitas coisas de que nós, mulheres do Primeiro Mundo, precisamos estar conscientes à medida que fazemos teologia.

Como tem-se dado a reflexão sobre a participação das mulheres nas igrejas?

Na Alemanha temos agora a primeira episcopisa na Igreja Luterana. Para nós foi uma grande surpresa, de certa forma, mas um grande encorajamento nesta Década de Solidariedade com as Mulheres (1988-1998), que tem como um dos objetivos aumentar a participação das mulheres na liderança das igrejas.

Contudo, temos avançado pouco. Somos muito poucas mulheres nas posições de liderança e na educação teológica, e as que lá estão frequentemente não possuem a perspectiva feminista. Há mais mulheres agora atuando entre os leigos, em sínodos, concílios locais. Esse número está crescendo consideravelmente, o que torna possível que um sínodo eleja uma episcopisa enquanto conselhos de igrejas nunca fariam tal

coisa porque eles são realmente dominados por homens.

Desta forma, a falta de mulheres na liderança reflete a falta de democracia nas igrejas.

O que pode ser feito neste sentido?

As igrejas precisam se comprometer em garantir espaço para as mulheres na liderança utilizando-o num sistema proporcional inclusivo. O CMI e a Federação Luterana Mundial têm feito isso. Durante minha visita ao Brasil,

As mulheres têm sido excluídas da elaboração teológica

encontrei várias teólogas que somente chegaram onde estão porque ganharam bolsas de estudo destinadas por entidades ecumênicas ou igrejas nos Estados Unidos, por meio do sistema proporcional.

Temos que tornar visível o fato de que as mulheres têm agora uma voz e que suas questões adquirem em si peso suficiente para terem espaço garantido.

O processo de ordenação feminina está consolidado ou há ainda um longo caminho a percorrer?

Há agora mais e mais mulheres estudando teologia e vindo para o ministério pastoral. A ordenação é inegociável e deverá ser fato em outras igrejas também porque nós não podemos esconder que no século XX metade ou mais das pessoas do mundo estão nas igrejas em que as mulheres são maioria. A Teologia Feminista, em suas descobertas exegéticas, tem reivindicado o reconhecimento de que a Igreja Primitiva foi liderada por muitas mulheres, igualmente. Se lemos Romanos 16, encontramos um número igual de nomes de mulheres e homens, o que demonstra que havia igual partilha na liderança das congregações naquela época.

Quais os progressos alcançados pela Década de Solidariedade?

Uma episcopisa na Igreja Luterana na Alemanha é um exemplo. Sem a Década nós não teríamos uma mulher nessa situação porque as igrejas-membros do CMI se comprometeram a aumentar a participação das mulheres na liderança. Pode-se perceber que a Década fornece um quadro em que as aspirações das mulheres recebem um peso político maior do que anteriormente porque as

igrejas tiveram que assumir isso mais seriamente. Elas têm que provar que fizeram alguma coisa porque se comprometeram com a causa da Década.

As coisas têm acontecido em distintos níveis nas diferentes igrejas; todavia, de um modo geral, o que tem acontecido encoraja o movimento das mulheres que estão desafiando as igrejas com documentos nas mãos e perguntando: “Vocês, como membros do CMI, se comprometeram; então, o que estão fazendo e o que pretendem fazer?”.

Outra contribuição é não restringir a questão da mulher somente à total participação mas também compreendê-la como um desafio ao pensamento teológico e às estruturas de poder das igrejas. Essa é uma outra tarefa para o movimento ecumênico.

Nós temos que conclamar os líderes das igrejas a se conscientizarem sobre as análises de como a Igreja Primitiva transformou-se de um sistema masculino excludente para uma comunidade de iguais e como as igrejas na história desfizeram isso, excluindo as mulheres da reflexão teológica, tornando-as invisíveis e silenciando-as.

Estas são questões profundas para as igrejas — a compreensão teológica do Evangelho, a participação numérica

A falta de mulheres na liderança reflete a falta de democracia nas igrejas

das mulheres na liderança —, a fim de tornar visíveis a realidade feminina, sua experiência espiritual e seu poder de liderança. A Igreja torna-se mais pobre sem a liderança das mulheres. Fazer isso é fazer justiça ao documento mais importante da Igreja: o Evangelho.

Podemos esperar uma mulher como secretária-geral do CMI?

Nas igrejas, o sexismo está muito mais enraizado do que o racismo. Por exemplo, foi possível para Phillip Potter ser eleito secretário geral do CMI sendo negro, do Terceiro Mundo. Mas uma secretária-geral é ainda algo inconcebível para a estrutura das igrejas. Nós ainda temos um longo caminho a percorrer. Chegaremos lá mas temos que trabalhar para isso. Já alcançamos muita coisa na estrutura do CMI nos últimos anos e temos mulheres em posição de liderança.

